

# Muito o que comemorar

Paulo Octávio\*

**A** aventura da construção da nova capital durou pouco mais de dois anos. Em meados de 1957, a obra começou tímida e sob feroz bombardeio dos partidos de oposição. Um ano depois, o Palácio da Alvorada e o Brasília Palace Hotel estavam prontos. No dia 21 de abril de 1960, o presidente Juscelino Kubitschek inaugurou a cidade, meta-síntese de seu governo, cujo objetivo era fazer cinquenta anos em cinco. Hoje, quatro décadas depois, já se pode olhar para trás, com algum distanciamento histórico, e analisar o impacto de Brasília no Brasil dos anos sessenta.

O mundo no final dos anos cinquenta e início dos sessenta estava mergulhado no fundo da guerra-fria. A confrontação na Europa levaria à construção do muro de Berlim. A guerra da Coreia havia terminado recentemente. Foi uma espécie de ensaio geral para a do Vietnã, que ocorreria logo depois. Em Cuba, Fidel Castro e Che Guevara subiam ao poder e se declaravam comunistas.

A confrontação entre os dois sistemas pulou da Europa para a Ásia e colocou um pé na América. Pela primeira vez, o governo de Washington percebeu a força do adversário. O Partido Comunista Brasileiro já havia sido colocado na ilegalidade, desde o governo Dutra, mas a atividade da militância de esquerda era forte, sobretudo nos sindicatos.



O vice de JK, João Goulart, era sindicalista militante e esquerdista atuante. Essa singularidade garantia enorme má vontade norte-americana com o novo governo brasileiro. Aquele mineiro simpático, médico da polícia, ex-governador de estado, tinha um vago ar populista e amigos na esquerda. Além disso, patrocinava um projeto visionário de colocar o Brasil na modernidade em apenas cinco anos.

O Brasil, de então, era pouco mais do que uma fazenda. Exportava cana-de-açúcar e café. Indústrias eram raras. São Paulo tinha um vago ar de província. A cidade do Rio de Janeiro já era famosa por causa das mulatas, do samba e do futebol. Estradas asfaltadas havia duas: Rio/São Paulo e Rio/Juiz de Fora, a antiga União Indústria.

O Brasil, como é hoje, ainda não existia. Cidades como Goiã-

nia, no centro-oeste, tinham acesso difícil. Anapólis era um ponto de passagem. O Planalto Central, desabitado. O norte não se comunicava com o sul. Somente por via marítima ou aérea. O noroeste existia apenas nos mapas. Rio Branco, no Acre, Porto Velho, em Rondônia, eram absolutamente inacessíveis por terra. Mato Grosso e Mato Grosso do Sul constituíam um território a ser descoberto.

A inauguração de Brasília modificou a economia brasileira e a política nacional. Regiões antes desconhecidas, desabitadas e inacessíveis se integraram ao País. O plantio de soja, agora, atravessa o oeste da Bahia, entra pelo sul do Piauí e está chegando ao atlântico, na região próxima à Parnaíba. Enormes campos de gado foram

**A inauguração da nova Capital modificou a economia brasileira e a política nacional**

abertos nos estados do Mato Grosso. E o noroeste, antes esquecido e relegado à sua própria sorte, passou a produzir. Está em curso um importante processo de integração na área de fronteira. Parte do cacau consumido no Brasil vem de Rondônia.

Ocorreu, portanto, em quarenta anos, uma revolução espetacular no Brasil. Revolução silenciosa, sem tiros, nem convulsão social. São Paulo transformou-se no mais importante centro industrial da América do Sul. Vários pólos estão surgindo nos

estados do sul e sudeste. Também no nordeste. O País mudou de maneira muito forte e muito positiva. Aquele quintal, que produzia quase exclusivamente café, transformou-se na décima economia do mundo.

Vários fatores concorreram para o espetacular processo de desenvolvimento brasileiro. Brasília, sem dúvida, foi um deles. É difícil explicar aos brasileiros jovens que, cinquenta anos atrás, havia uma forte tendência para desenvolver apenas o litoral. O interior não era conhecido. Pior: era menosprezado. A descoberta do hinterland, e de suas incríveis potencialidades, modificou para sempre a economia nacional.

Creio que essa é a maior contribuição que o presidente Juscelino Kubitschek legou aos seus. Ele recriou o Brasil. Enfrentou o Fundo Monetário Internacional, brigou com os economistas reacionários de sempre, e realizou uma obra política perfeita. Brasília, a cidade, resistiu a todas as crises da República, nos últimos quarenta anos. Persiste sendo imponente e bela.

Os conceitos de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer são admirados em todo o mundo. Revelam funcionalidade e beleza. E a construção e transferência da capital é obra de todos os brasileiros. Emblema. Retrato de competência, criatividade, vontade e capacidade de fazer. Há muito o que comemorar neste 21 de abril.

\*Deputado Federal / DF